

LEORDINO LOPES - Presidente do Conselho de Pastores de Anápolis

Há uma preocupação de atender os evangélicos porque realmente temos uma força e influência eleitoral muito grande. Mas não existe um partido político evangélico. As preferências são liberadas para que cada um escolha o que for melhor

Marcos Vieira

Para o advogado Leordino Lopes, pastor e presidente do Conselho de Pastores de Anápolis (CPA), o segmento evangélico possui hoje uma grande força em Anápolis, daí a necessidade de todos os partidos políticos de contemplarem a denominação religiosa em suas chapas. Lopes diz que pastores de diferentes igrejas declararam apoio a determinado candidato, mas não existe a prática de usar o púlpito para pedir votos. "O púlpito que é para louvar e glorificar Deus", lembra o presidente do CPA. Ele diz ainda que a entidade não declarará qualquer tipo de pre-

ferência por um candidato, mas no segundo turno a diretoria do CPA pode decidir pedir votos por um dois nomes que disputam o cargo de prefeito. Até neste caso, o apoio será dos membros do CPA, e não da entidade. Nesta entrevista Leordino Lopes fala também da influência do pastor em uma igreja, sobre o trabalho realizado para se evitar qualquer tipo de guerra religiosa e qual a importância social dos evangélicos para Anápolis. Leordino diz ainda que não acredita que haja discriminação ao segmento em um país de maioria católica e critica os radicais. "Temos que combater e dar exemplos que somos cristãos e amamos o próximo de verdade". Leia a seguir os melhores momentos da entrevista.

# “Púlpito de igreja não é local de política”

**Qual a importância social dos evangélicos para Anápolis?**

Eu cito o trabalho cristão de solidariedade e de amor, que na prática envolve distribuição de cestas, envolve trabalho nas casas de recuperação e também temos muitas participações em parceria com a Educação. São escolas em bairros mais carentes mantidas em parceria com a Secretaria de Educação. E também o próprio ensino da palavra de Deus, com um comportamento de respeito e amor, procurando estruturar famílias dentro de princípios cristãos, seguindo a Bíblia Sagrada. É uma colaboração não só da igreja evangélica, mas de todo o povo cristão, da igreja católica, que tem um trabalho voltado para a família. Um trabalho voltado contra ações que tem gerado violência e intranquilidade. E esses problemas surgem pela falta de uma família bem estruturada. Hoje os pais precisam trabalhar e ficam menos do que deviam com os filhos – a igreja procura fazer com que os pais tenham cuidado de conversar com os filhos.

**Em Anápolis a religiosidade é latente, tanto entre evangélicos quanto católicos. O que o Conselho de Pastores faz para evitar uma guerra religiosa?**

Nós entendemos que temos que quebrar preconceitos. O lema do Conselho de Pastores nesse biênio é uma mensagem do apóstolo Paulo, 'a fé opera pelo amor', se somos cristãos temos que entender que Jesus Cristo ensinou o respeito ao outro. As diferentes religiões precisam se respeitar. Porque há diferenças que podemos até não concordar, por várias razões, mas devemos respeitar. Porque na verdade não temos condições para julgar, a verdade é Jesus Cristo, é a palavra de Deus. Então precisamos aprender a conviver de uma forma verdadeiramente cristã. Porque eu tenho dito desde a minha posse que a religiosidade precisa ser combatida, porque ela costuma aflorar o fanatismo. E exatamente nisso que se criam homens e mulheres bombas que falam em Deus – por incrível que pareça – e praticam essa violência incompreensível. E isso não tem nada com a vida cristã. Temos que viver como regra de fé os princípios que Jesus Cristo ensinou. Certamente dentro da igreja católica ou evangélica existe um ou outro que se posiciona de forma radical. Temos que



combater isso.

**O Conselho de Pastores se preocupa com aqueles líderes de igrejas que quebram regras de ética ou conduta?**

Nós nos preocupamos, mas o Conselho não tem a forma de intervir. Existem diversas denominações de igrejas evangélicas, com diversas posições, e nós não temos autoridade para isso e nem condição de intervir no processo interno das igrejas. Mas certamente temos condições, por intermédio das palavras de Deus, nos encontros que realizamos, de mostrar o verdadeiro sentido de vida cristã. E quando somos convocados podemos orientar e ajudar a corrigir alguma falha que possa surgir na vontade de se aumentar o número de fiéis a qualquer preço. A gente procura, sempre que possível, mostrar que temos que olhar a qualidade. Quantidade nem sempre é um número que possa gerar satisfação. Dentro das igrejas temos alguns problemas por falta de humildade de alguns, de orgulho e de tudo aquilo que a palavra de Deus chama de obras da carne. E só podemos combater com o crescimento da vida espiritual.

**O senhor tem dados sobre o chamado turismo religioso na cidade**

Na realidade as pessoas não acreditam que a cidade de Anápolis possa ter uma indústria de turismo funcionando, mas nós acreditamos que sim. E in-

clusive podemos incluir o chamado turismo religioso, que não é bem turismo, mas vamos chamar assim. Os congressos realizados atraem pessoas de vários Estados, incluindo cidades mais próximas e Brasília. É uma movimentação na rede de hotéis, de restaurantes e toda a cidade passa a ter uma renda especial. Há também o aluguel de ônibus. Então eu acredito que há uma movimentação econômica interessante na cidade e cada dia nós devemos crescer mais. Porque Anápolis não tem um carnaval de rua e por isso não atrai pessoas para esse tipo de evento. E não tendo, é preenchido perfeitamente e de uma forma melhor, cremos nós. Porque onde há o excesso de bebida... No caso do congresso tem é paz. A cidade vive o clima de paz.

**O senhor acha que o evangélico ainda é discriminado em um país de maioria católica?**

Eu não vejo discriminação. Eu sempre vejo que em todos os segmentos humanos existem pessoas que são radicais. Você encontra isso em uma associação médica, de juízes ou mesmo de moradores. E pessoas radicais querem ações radicais. E no meio católico existem radicais que não aceitam a igreja evangélica ou alguns evangélicos. Mas no meio evangélico também existem radicais, que por não concordarem com a igreja cató-

lica não a aceitam. Mas isso é minoria. São alguns que existem em qualquer segmento humano. E não aceitamos isso. Pelo contrário, temos um franco diálogo com o bispo Dom João Wilk, a quem eu admiro.

**De que forma o Conselho de Pastores tem participado do processo político?**

A campanha política envolve todos os cidadãos e entendemos que não podemos ser omissos. Mas também o Conselho de Pastores tem como prioridade a unidade do povo das igrejas evangélicas e também uma representatividade dos evangélicos – são dois pilares. Então o Conselho de Pastores não se envolve com a participação partidária. Nós nos envolvemos mais orientando, por exemplo, os jovens a participarem mais, já que com 16 anos eles têm o direito de votar. Muitos jovens não têm interesse em exercer esse direito e nós procuramos mudar esse pensamento, incentivamos que eles sejam eleitores. Incentivamos os evangélicos a votarem conforme devemos votar, com consciência. Votar em quem a pessoa conhece e não votar por dinheiro ou emoção. É preciso votar pensando na população de Anápolis. Claro que temos amigos e às vezes participamos de vários eventos em que estão envolvidos vários candidatos. Pessoalmente sou amigo dos sete candidatos a prefeito. Conheço todos eles – são homens e mulheres que estão aí colocando seus

nomes para ajudar a população de Anápolis. Mas o Conselho de Pastores não tem nenhuma definição. Pessoalmente cada pastor tem a sua preferência.

**E em relação ao segundo turno?**

No segundo turno pode acontecer que 70% da diretoria do Conselho de Pastores decida apoiar algum candidato por algum motivo que leve sempre ao bem comum. É possível que se tome alguma decisão, mas não como Conselho, e sim os pastores que representam várias igrejas. Eles se unem e declaram apoio a determinado candidato. Isso o Conselho não impede e entende que possa acontecer. Mas o Conselho em si, não participamos de nenhuma linha partidária e não nenhuma preferência, se não que haja uma campanha de respeito mútuo. Queremos que sejam lançadas idéias e projetos para o bem de Anápolis que demonstrem sinceridade. São muito mais importantes 350 mil habitantes do que é uma panelinha partidária de dez, cem ou até mil pessoas. Então também participamos em orientação neste sentido, mesmo como cidadão ou eleitor.

**Um pastor tem influência suficiente para orientar o voto de seus fiéis? Se ele pedir, o membro da igreja vota em determinado candidato?**

A expressão certa é que 'isso pode acontecer'. Nem

sempre acontece. Veja bem que os pastores das maiores denominações têm o espírito cristão e por isso tem o espírito democrático. Temos pastores que decidem pessoalmente apoiar determinado candidato, mas as igrejas ficam abertas. Neste ponto quero apenas dizer que entendemos que o púlpito da igreja não é um local de prática política, mas os membros da igreja podem ser alvos de qualquer candidato. Eu conheço alguns pastores que tomaram a decisão pessoal de apoiar determinado candidato, mas eles democraticamente têm suas igrejas à disposição de todos os candidatos que queiram conversar com seus membros. E reforço: não para usar o púlpito que é para louvar e glorificar Deus. É claro que às vezes acontece uma festa e o candidato presente é mencionado, mas nunca usar o púlpito para uma campanha política. Muitas vezes o pastor pode tomar a decisão de lançar seu candidato a vereador e pedir que votem nele, que naturalmente estará ligado a um candidato a prefeito. E aí, direta ou indiretamente, há um apoio do candidato. Mas nós acreditamos que pode haver [influência]. O princípio de obediência e respeito ao pastor é muito grande.

**Os partidos se ocuparam em formar chapas com católicos e evangélicos. O senhor acredita que isso é primordial para se obter uma vitória em Anápolis?**

A força da igreja evangélica é grande. Anápolis é até considerada uma cidade evangélica. Não digo que somos maioria, mas existe uma força. Além das igrejas, os evangélicos dirigem instituições como a Unievangélica, o Couto Magalhães, temos um hospital evangélico. Temos uma participação na sociedade muito grande e claro que existe esta influência. Quase todas as chapas possuem evangélicos como candidato a vereador, como vice ou como prefeito. Apenas um vice não é evangélico. Então isso mostra que há uma preocupação de atender os evangélicos, porque realmente temos uma força e influência eleitoral muito grande. Mas não existe um partido político evangélico e nem uma formação evangélica determinada para certo candidato. As preferências são liberadas para que cada um escolha o que for melhor.